



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**CFORM/MEC/SEDF**

**O FACEBOOK COMO TECNOLOGIA FAVORÁVEL AOS MULTILETRAMENTOS  
DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: *um estudo de caso***

MAYSSARA REANY DE JESUS OLIVEIRA

Brasília, novembro de 2015

MAYSSARA REANY DE JESUS OLIVEIRA

O FACEBOOK COMO TECNOLOGIA FAVORÁVEL AOS MULTILETRAMENTOS  
DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: *um estudo de caso.*

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª série) como requisito parcial para obtenção de título de especialista em letramentos e práticas interdisciplinares.

Orientadora: Professora Doutora Eni Abadia Batista

Brasília, novembro de 2015.

O FACEBOOK COMO TECNOLOGIA FAVORÁVEL AOS MULTILETRAMENTOS DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: *um estudo de caso*.

**MAYSSARA REANY DE JESUS OLIVEIRA**

Projeto aprovado em \_\_\_/ de \_\_\_/ de 2015

Banca examinadora:

1º membro (orientadora) \_\_\_\_\_

2º membro \_\_\_\_\_

3º membro (suplente) \_\_\_\_\_

Brasília, novembro de 2015.

## DEDICATÓRIA

À minha amada e exemplar mãe, pelo seu  
cuidado, garra e determinação.

## SUMÁRIO

RESUMO-----	7
I. INTRODUÇÃO-----	8
II. REFERENCIAL TEÓRICO-----	11
2.1. Deficiência Intelectual-----	11
2.2. O texto Multimodal e Letramento-----	13
2.3. A rede social Facebook-----	14
III. METODOLOGIA-----	16
3.1 Sujeitos da pesquisa-----	17
3.2. Instrumentos de pesquisa-----	17
3.3. <i>Corpus</i> da pesquisa-----	18
3.4. Análise de dados-----	18
3.4.1. Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos do participante Marcos-----	18
3.4.1. 2. Análise da entrevista do Marcos-----	20
3.4.1.3. Análise das Publicações do Marcos-----	21
3.4.2. Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos de Felipe-----	24
3.4.2.2 Análise da Entrevista de Felipe-----	25
3.4.2.3 Análise das postagens de Felipe-----	26
3.4.3.1 Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos de Daniel-----	30
3.4.3. 2 Análise da entrevista de Daniel-----	31

3.4.3 .3 Análise das Publicações de Daniel-----	33
3.5 RESULTADOS -----	37
IV CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	39
V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	41
VI ANEXOS-----	43
ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA, DEFICIENTES INTELECTUAIS -----	44
ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTA - MÃE-----	47

**RESUMO:** Neste estudo de caso, discutem-se as noções de deficiência intelectual e a contribuição os gêneros multimodais. Este estudo foi feito com três indivíduos, irmãos, egressos do ensino público. A análise das postagens e comentários feitos por eles no ambiente da rede social *Facebook*, dos relatórios de aprendizagem e dos relatórios médicos visa compreender como os textos multimodais apresentados pela rede social e o contexto de interação podem contribuir para o letramento dos deficientes intelectuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** deficiência intelectual, letramento, multimodalidade, *Facebook*.

**ABSTRACT:** In this case study , discusses the notions of intellectual disability and the contribution of multimodal genres. This study was done with three individuals , brothers , public school dropouts . Analysis of the posts and comments with them on Facebook social network environment , learning reports and medical reports aims to understand how multimodal texts tabled by the social network and the interaction context can contribute to the literacy of the intellectual disabled .

**KEYWORDS :** intellectual disabilities , literacy , multimodality , *Facebook*.

## I. INTRODUÇÃO

No atual cenário da educação, as práticas de inclusão pouco têm conseguido proporcionar aos alunos com deficiência meios necessários para o aprendizado efetivo. Em uma sala com 35 estudantes, em média, os alunos com deficiência intelectual tentam acompanhar o ritmo da turma e, na maioria dos casos, fracassam.

O papel da escola é orientar o indivíduo de modo que possa conquistar independência para o exercício da cidadania na sociedade em que vive. Entretanto, segundo os educadores, muitos dos alunos deficientes intelectuais não têm a adequada proficiência em letramento e, por isso, não desenvolvem as atividades propostas em sala. Todavia, como explicar o fato desses mesmos alunos conversarem em com seus colegas por meio do *Facebook*?

De acordo com o Censo do IBGE, 2010, 0,9% da população entre 0 e 14 anos tem deficiência intelectual. O número parece ser reduzido, ainda assim, assegurar os direitos não só dos estudantes, mas dos deficientes intelectuais em geral, é uma tarefa árdua, já que o Estado ainda não desenvolveu políticas públicas suficientes para assegurar a isonomia para essa parte da população. Na escola, em especial, muitos educadores ainda não se sentem seguros para adequar o currículo aos estudantes com deficiência intelectual, principalmente no que diz respeito às práticas de leitura e escrita.

Este estudo de caso será realizado com três estudantes egressos do Ensino Fundamental. A análise das postagens feitas por eles no ambiente da rede social Facebook, dos relatórios de aprendizagem e dos relatórios médicos visa compreender como os textos multimodais apresentados pela rede social e o contexto de interação podem contribuir para o letramento dos deficientes intelectuais.

O estudo de caso tem como objetivo Investigar como os alunos com deficiência intelectual, que segundo os seus educadores não sabem ler ou escrever, comunicam-se com seus colegas pelo *Facebook*, demonstrando letramento social e tecnológico.

Para alcançar esse objetivo, o estudo busca mostrar as contribuições do uso do *Facebook* como meio de comunicação para as práticas do letramento seja social ou escolar. Analisa postagens de três jovens com deficiência intelectual, egressos do Ensino Fundamental, revelando os aspectos positivos e negativos no uso dessa linguagem para o desenvolvimento do modelo de letramento atual. A análise dos textos usados no *Facebook* apresenta os recursos semióticos que podem contribuir para o desenvolvimento do letramento social e escolar.

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu da inquietação diante do quadro de inclusão dos estudantes deficientes intelectuais no ensino regular. O Censo do IBGE, de 2010 aferiu que a quantidade de pessoas com deficiência intelectual equivale a 1,4% da população brasileira. Assim, mais de 2,6 milhões de brasileiros são deficientes intelectuais. Ainda de acordo com a pesquisa, 0,9% da população brasileira que tem até quatorze anos de idade é deficiente intelectual. Ainda nessa pesquisa de 2010, o Censo apontou que 37% das crianças com deficiência intelectual na idade escolar obrigatória por lei (de 5 a 14 anos) estavam fora da escola, enquanto a média nacional é de 4,2%.

A inclusão dos alunos deficientes intelectuais pouco tem mudado as práticas tradicionais da escola. A visão reduzida de texto ainda impera na maioria das instituições de ensino e, enquanto isso, os estudantes vivenciam outras práticas de interação social. A exemplo disso, temos a rede social *Facebook* que, segundo o portal de notícias G1 em 2013, contava com cerca de 76 milhões de usuários. Por meio da rede social em questão, os usuários têm acesso a diversos tipos de texto, predominantemente multimodais.

Ao analisar o caso de três estudantes, deficientes intelectuais, egressos da escola, foi possível perceber a interação estabelecida por meio da rede social e, até mesmo, uma proficiência de leitura. Essas observações tornam-se importantes, uma

vez que, de acordo com os relatórios psicopedagógicos feitos durante a vida escolar dos estudantes, eles tinham extrema dificuldade nas práticas de leitura .

Os dados do IBGE, mostram a realidade do ensino para as pessoas com deficiência intelectual no país. A maioria dos estudantes não se sentem plenamente atendidos em suas necessidades e, por isso, compõem as estatísticas de evasão escolar. Como explicar indivíduos que eram considerados, até então, não letrados, que conseguem interagir por meio da leitura visual e escrita no ambiente virtual? Para além disso, como o presente estudo pode servir para a adequação curricular dos estudantes com deficiência intelectual?

## II. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, encontra-se o embasamento teórico utilizado no estudo de caso para a análise das postagens dos estudantes.

### 2.1. Deficiência Intelectual

Desde 2004, quando a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde aprovaram a Declaração de Montreal sobre a deficiência intelectual, iniciou-se um movimento nacional que substituiu oficialmente o termo *deficiência mental* pelo termo *deficiência intelectual*.

Como aponta Sasaki (2011), a substituição do adjetivo *mental* por *intelectual*, assumida oficialmente por diferentes países desde 2004, é sustentada por duas razões maiores:

A primeira razão tem a ver com o fenômeno propriamente dito. Ou seja, é mais apropriado o termo "intelectual" por referir-se ao funcionamento do intelecto como um todo. A segunda razão consiste em podermos melhor distinguir entre "deficiência mental" e "doença mental", dois termos que têm gerado confusão há décadas, principalmente na mídia. Os dois fenômenos trazem o adjetivo "mental" e muita gente pensa que "deficiência mental" e "doença mental" são a mesma coisa (SASSAKI, 2011,s/n).

Conforme explica Sasaki (2011), a diferenciação na terminologia precisava ser estabelecida, principalmente no meio educacional, para reverter o estigma do termo doença mental.

A respeito da deficiência intelectual o que propõem Menezes, Canabarro e Munhoz propõem que ela pode ser avaliada pelo menos sob duas perspectivas: uma concepção clínica e uma concepção sociológica. Para os autores:

Trata-se, no primeiro caso, de uma concepção que impõe uma condição impeditiva de aprendizagem e desenvolvimento e reforça a ideia de que a dificuldade principal do "não aprender" é uma responsabilidade daquele que se encontra na condição de deficiente e assim, desconsidera outros fatores intervenientes no processo de aprendizagem e desenvolvimento, como, por exemplo, relações

familiares, sociais e escolares ou fatores sociais, econômicos e culturais (MENEZES, CANABARRO E MUNHOZ, 2012, p.154).

O olhar que se tem sobre o indivíduo com deficiência, sob a perspectiva clínica, é reduzido, uma vez que as classificações diagnósticas são, em sua maioria, limitadoras das habilidades dos indivíduos. A perspectiva de análise clínica aponta uma previsibilidade sobre as habilidades que serão desenvolvidas pelos sujeitos durante toda a vida. Sobre esse determinismo com relação as possibilidades de aprendizagem dos indivíduos com deficiência intelectual, Bridi (2010) afirma:

No que tange as habilidades acadêmicas, para um sujeito com diagnóstico de retardo mental leve, o DSM-IV prevê que "ao final da adolescência, podem atingir habilidades acadêmicas equivalentes aproximadamente a sexta série"(DSM-IV,2002,p.74). Tal previsibilidade varia conforme o grau de deficiência, ou seja, se o sujeito apresenta um quadro de retardo mental moderado "suas habilidades acadêmicas provavelmente não progredirão além do nível da segunda série" (DSM-IV, 2002, p.75). Os sujeitos pertencentes a um quadro de retardo mental grave" beneficiam-se apenas em um grau limitado de matérias escolares, tais como, familiaridade com o alfabeto e contagem simples" (DSM-IV,2002, p.75). Para o grupo sob a classificação de retardo mental profundo e retardo mental gravidade inespecificada, as previsibilidades acadêmicas não são mencionadas, como se o processo de escolarização não fosse possível para estes sujeitos (BRIDI, 2010, p.3).

Esta pesquisa fará uma análise dos indivíduos sob a perspectiva sociológica. Nessa concepção, pretende-se avaliar como as relações com o meio e os indivíduos podem influenciar no processo de aprendizagem e letramento. De acordo com Beyer (2005):

A partir do paradigma sociológico a deficiência é definida por um processo de atribuição social. Desloca-se o olhar do indivíduo(...) para o grupo social. A deficiência é interpretada por meio da reação do grupo social. A forma como o grupo reagir à situação de deficiência poderá implicar o agravamento (pelo preconceito ou incompreensão) ou o alívio (pela empatia ou compreensão) da situação individual (BEYER, 2005, p.92)

A interpretação dos dados sob a perspectiva sociológica apontada por Beyer concede ao indivíduo maior autonomia no processo de ensino aprendizagem, uma vez que a condição genética não é a única responsável pela determinação das habilidades intelectuais. As concepções sociais interferem diretamente no desenvolvimento de habilidades e na superação de limitações apontadas pela definição clínica.

## 2. 2. O texto Multimodal e Letramento

Este estudo propõe apresentar a relação entre o uso da tecnologia e o letramento e porque alguns indivíduos, deficientes intelectuais, declarados não alfabetizados podem estabelecer plena comunicação com seus colegas por meio das redes sociais e a maneira como essa interação virtual pode propiciar o multiletramento.

Atualmente, a prática da maioria de nossas escolas é confusa e desvinculada da realidade social, com conteúdos trabalhados de forma autoritária, sem perspectivas de atenderem aos interesses e necessidades dos alunos, e com recursos reduzidos a meros objetos inadequados aos propósitos didáticos. Talvez esse seja o motivo da incoerência aqui pesquisada.

A visão de texto, por vezes reduzida, das instituições de ensino pode ser a principal responsável pelo desinteresse pela leitura, por parte dos discentes. Especialmente no caso dos alunos deficientes intelectuais, a exploração do texto não verbal, predominantemente visual, pode proporcionar condições mais adequadas e atuais de letramento.

A teoria da multimodalidade será referência para análise das postagens e dos comentários feitos pelos estudantes na rede social *Facebook*. Os textos presentes nos livros didáticos, por vezes, são distantes da realidade social dos estudantes. Em contrapartida, as mensagens vinculadas no ambiente virtual do *Facebook* são significativas para a interação social do indivíduo. A visão de texto, algumas vezes, equivocadamente abordada pela escola, menospreza a leitura de textos imagéticos e o letramento visual. O enfoque da multimodalidade envolve o letramento visual, conforme aborda Batista:

A disposição multimodal envolve letramento visual que por sua vez, envolve atividades, funções e atitudes que compreendem o olhar sobre o texto, constituído de elementos verbais e não verbais. A análise de imagens requer habilidades para perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar. Essas habilidades de leitura parecem, a princípio, naturais e simples, porém, como a visão é um dos sentidos diretamente

responsável pela informação, elas indicam a complexidade da inteligência visual (BATISTA, 2014, p.07).

O pensamento de Batista (2014), influenciado por Kress e van Leeuwen (1996; 2006), remete nos ao texto multimodal, como os textos vinculados ao Facebook. Ao analisar os dados das publicações feitas pelos estudantes no ambiente virtual, espera-se observar a habilidade de leitura, a partir do conceito de inteligência visual, principal interesse desta pesquisa.

### **2.3. A rede social Facebook**

Entender como a rede social *Facebook* pode contribuir para o letramento dos estudantes com deficiência intelectual é um desafio, mas pode auxiliar nossa prática docente a fim de dissociar de nossas escolas uma prática tão autoritária e descabida para o momento em que vivemos.

Como define Ferreira *et al.* :

A rede social *Facebook* é atualmente considerada um fenômeno mundial por sua visibilidade, visitada por milhões de usuários no mundo todo vem ganhando a preferência entre os usuários da Internet. A rede social representa uma nova forma de estabelecer relações, realizando várias tarefas como: divulgação de produtos, notícias, fatos, o compartilhamento de vídeos, textos, ideias, fotos, imagens e diversão por meio de seus aplicativos etc (FERREIRA *et al.*, 2012, p,03).

Assim como detalha Jacques Ferreira (2012), ao integrar a rede social, o indivíduo tem acesso a vários tipos de textos. Em sua maioria, as mensagens compartilhadas são extremamente visuais. Essa diversidade de textos e a interação entre os indivíduos na rede proporcionam ambiente propício ao letramento. Aproveitar a multimodalidade presente no ambiente virtual é, portanto, um desafio para os docentes da atualidade.

Na visão de Sylvestre (2013), as redes sociais são suporte para múltiplos gêneros textuais. Dessa maneira, as relações estabelecidas nas Redes Sociais digitais, em certa medida, são o reflexo da própria estrutura das redes sociais não digitais. A autora defende que:

O contato com pessoas diferentes da prática social do indivíduo na interação face a face possibilita a construção de identidades variadas sem que haja um questionamento dessa prática em comparação com as práticas fora do espaço *on-line*. Dessa forma, muitos usuários apresentam comportamentos distintos em suas práticas digitais se comparadas às práticas discursivas não digitais [...] (SYLVESTRE, 2013, p. 80)

O uso da rede social *Facebook* pode contribuir, portanto, para o desenvolvimento dos estudantes com deficiência intelectual. A interação promovida pela rede social, que muitas vezes não ocorre nas redes sociais não digitais favorece o letramento, uma vez que a linguagem é desenvolvida na interação. Nesse sentido, Macedo descreve a teoria de Bakhtin:

Conforme Bakhtin, a língua não existe por si mesma, em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta ela se consolida; através da enunciação, a língua mantém contato com a comunicação tornado-se realidade. São as condições sociais de cada época que determinam as condições de comunicação verbal, suas formas e métodos. Logo, a língua é um legado histórico – cultural da humanidade (MACEDO, 2008, p. 04).

É interessante ressaltar que a prática pedagógica das nossas escolas não dialoga com os pressupostos de Bakhtin, uma vez que o ensino da língua, muitas vezes, é estanque e dissociado da realidade social. Aproveitar as formas de comunicação da atualidade é essencial para propiciar o desenvolvimento dos multiletramentos.

### III. METODOLOGIA

Com este estudo de caso, naturalmente qualitativo, pretendeu-se explorar os processos de assimilação de leitura e escrita pelos três deficientes intelectuais e, principalmente, como o uso da rede social Facebook pode facilitar os multiletramentos dos indivíduos. Conforme Yin (2001. p.10) "o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados".

O estudo de caso constitui uma metodologia relevante para este trabalho porque refere-se a análise minuciosa dos dados de um fenômeno contemporâneo partindo de um contexto real.

Para investigação desses processos, foi necessário analisar, primeiramente, os documentos de desenvolvimento escolar dos participantes, uma vez que neles constam anotações imprescindíveis para a compreensão do contexto histórico-social dos indivíduos. Ainda nessa etapa, fez-se necessária a contínua pesquisa sobre o tema multiletramentos, para que a análise dos dados fosse ancorada na fundamentação teórica.

A partir da seleção do material de análise inicial (relatórios pedagógicos e relatórios médicos), surgiu a necessidade de compreender à fundo os sentimentos dos participantes da pesquisa quanto ao ambiente escolar e às atividades desenvolvidas nele. Foram feitas entrevistas, com os deficientes intelectuais e, também, com a mãe. Para isso, foi elaborado um roteiro norteador da entrevista. É importante esclarecer que o roteiro não foi criado com o objetivo de ser engessado, por isso, conforme o andamento da entrevista, surgiram algumas questões e, até mesmo, outras foram suprimidas.

Por fim, foi feita a análise das publicações dos participantes, ancorada à fundamentação teórica e à história de vida dos indivíduos. Afinal, como afirma Bakhtin, a língua é uma forma de ação social e histórica. Desse modo, acredita-se que toda análise linguística deve observar o contexto de produção e os indivíduos envolvidos.

### **3.1 Sujeitos da pesquisa**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo. Foi realizado um estudo de caso de três alunos egressos da escola, irmãos, deficientes intelectuais com o mesmo CID (Classificação Internacional de Doenças), Q02, F.17, refere-se à microcefalia e ao retardo mental, respectivamente.

O motivo da escolha dos participantes deu-se pelo fato de que, apesar dos relatórios de desenvolvimento escolar apontarem para dificuldade de expressão, leitura e interação social, os três irmãos mantêm perfil na rede social e interagem de maneira satisfatória.

A análise dos documentos de pesquisa aponta para os seguintes fatos: um deles não assinou o nome na carteira de identidade e, por isso, foi declarado não alfabetizado. Os outros dois integrantes da pesquisa concluíram a quinta série do Ensino Fundamental, entretanto, segundo os educadores, conseguiam realizar apenas a leitura dos elementos explícitos no texto.

Mesmo com esse histórico apresentado, esses jovens interagem, frequentemente, com os colegas por meio do *Facebook*, além de desenvolver atividades como buscas por endereços na internet, download de filmes e músicas, postagens sobre política, entre outros.

### **3.2. Instrumentos de pesquisa**

Para desenvolver o estudo, foram realizadas entrevistas gravadas tanto com os participantes, quanto com a mãe. A organização dos dados foi realizada por meio de transcrição de partes selecionadas das entrevistas. A seleção foi feita pela opção de trechos que elucidam a interpretação do contexto histórico dos indivíduos com o objetivo de compreender melhor as postagens feitas pelos participantes no ambiente virtual e , também, na tentativa de compreender o processo de assimilação dos textos pelos participantes.

O *Corpus* de análise constituiu-se de relatórios de aprendizagem, feitos pelos profissionais responsáveis pelos participantes durante o período escolar e os relatórios médicos dos participantes e das publicações dos participantes na rede social *Facebook*.

### **3.3. *Corpus* da pesquisa**

O *Corpus* da pesquisa consiste em publicações feitas pelos participantes no *Facebook*, relatórios médicos do desenvolvimento da linguagem, relatórios de aprendizagem elaborados pelos educadores que acompanharam os estudantes durante a vida escolar e o questionário familiar. Para não expor os participantes foram utilizados nomes fictícios.

### **3.4. Análise de dados**

#### **3.4.1. Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos do participante Marcos**

Com vinte e cinco anos de idade, o participante Marcos foi considerado pelos médicos, segundo relatório do geneticista, como o mais comprometido intelectualmente dos três irmãos. O documento de identidade de Marcos não foi assinado, no local de sua assinatura há o carimbo de "não alfabetizado". Ainda assim, o relatório médico de acompanhamento, 2003, transcrito abaixo, indicava que o indivíduo era semialfabetizado:

O menor (Marcos), 12 anos de idade é o quarto de cinco filhos de casal não consanguíneo. Foi encaminhado ao ambulatório de genética por apresentar microcefalia e retardo mental. Os dois irmãos do sexo masculino também apresentam microcefalia, sendo que um deles é seu irmão idêntico. Marcos é semi alfabetizado, é agressivo, é o mais comprometido dos três irmãos. O diagnóstico estabelecido foi de microcefalia (CID Q02) e retardo mental moderado (CID F71). (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Os relatórios psicopedagógicos indicavam, à época dos seus estudos (1996), que Marcos tinha baixo nível de entendimento e que sabia organizar as letras de seu nome, mas sem depreender sentido. No mesmo ano do relatório do geneticista, 2003, a equipe pedagógica da escola onde o indivíduo estudava emitiu o parecer de que ele estaria apto a cursar a segunda série do ensino fundamental, com as devidas adaptações:

O aluno é inquieto, sendo necessário que o professor promova constantemente, ao final de cada etapa, auto-avaliações e haja com "pulso firme" em determinados momentos pois o mesmo compreende e aceita limites. Lê e grafa as palavras (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Em entrevista, a mãe afirma que o período de transição do ensino especial para o ensino regular foi radical e que os profissionais que receberam o indivíduo chegaram a ridicularizar o estudante para a familiar sem saberem que ela era a mãe dele. Após a situação mencionada e, baseada nas recorrentes situações problemáticas que Marcos vivia, ela resolveu recorrer à escola especial para que o aluno fosse reintegrado. Somente após as recorrentes faltas do estudante e das reclamações registradas pela mãe junto ao órgão competente, o aluno foi avaliado e diagnosticou-se que, segundo o ponto de vista pedagógico da escola, não havia condições mínimas para que o educando continuasse a integrar o sistema regular de ensino. As dificuldades de comunicação, visíveis na escrita e fala, eram tamanhas que não seria possível a integração do indivíduo à turma de segunda série do ensino regular.

Em relatório fonoaudiológico, o profissional relatou que não foi possível fazer avaliação formal e que do encaminhamento da escola foi impossibilidade de entendimento do que a criança pronunciava. Segundo o profissional o indivíduo apresentava muitas alterações no sistema fonêmico, tais como:

1. substituições fonêmicas: /b/ pelo /p/; /v/ pelo /b/; /f/ pelo /p/; /b/ pelo /t/; /s/ pelo /p/; /k/ pelo /t/; /z/ pelo /t/; /f/ pelo /t/; /g/ pelo /t/; /n/ pelo /l/ /s/ (r vibrante) pelo /l/; /f/(ch) pelo /t/.

2. Omissões dos encontros consonantais (l) e (R); do fonema /k/ (assistemáticamente); de sílabas nos vocábulos (Relatório Médico, 2012, Daniel).

A percepção da dificuldade de comunicação oral é importante para análise, uma vez que esse fator é crucial para a compreensão global de Marcos. As características mencionadas no relatório fonoaudiológico ainda persistem até os dias

atuais no indivíduo e, por vezes, é possível perceber algumas delas na escrita de suas publicações no *Facebook*.

### 3.4.1. 2. Análise da entrevista do Marcos

Em entrevista, questionado se as pessoas, em geral, entendiam o que ele falava, Marcos respondeu que "às vezes não" e completou que o mesmo ocorre com a escrita no *Facebook*.

Isso revela que a dificuldade fonética pode ser o fator responsável pelo déficit na aprendizagem da escrita, uma vez que é possível perceber a representação da oralidade na escrita do Marcos.

Durante os anos que passou na escola de ensino especial, Marcos cursou até a segunda série do Ensino Fundamental. Perguntado sobre seus anos de estudante, ele respondeu que sempre fazia as mesmas atividades e que gostava da interação com os colegas e, principalmente, das atividades esportivas. Entretanto, alegou não ter conhecimento suficiente de leitura para as atividades escolares.

Quando foi questionado sobre o breve período que cursou o ensino regular, Marcos afirma não ter sido bem recebido pelos colegas de classe e, por esse motivo, sempre estava envolvido em brigas e discussões. Ainda sobre o assunto, afirmou que os professores diziam a ele que ele só sabia brigar, que não fazia mais nada além disso.

Quanto às práticas de leitura, o indivíduo afirmou ler, com maior frequência, mensagens de redes sociais. Afirmou nunca ter lido um livro, entretanto demonstrou interesse por leituras sobre esportes e eventos festivos vinculados ao **Facebook**. O acesso à rede social mencionada é diário e mais de uma vez por dia.

Ao ser questionado sobre as notícias vinculadas às redes sociais, Marcos demonstrou reconhecer a fragilidade da confiabilidade das postagens associadas ao *Facebook*, disse ainda que considera mais confiável a notícia de jornais impressos ou televisionados. Isso revela certo letramento por parte de Marcos.

Atualmente, com vinte e cinco anos, funcionário do comércio de móveis, Marcos utiliza muito os recursos tecnológicos e aplicativos de redes sociais. Grande parte do seu tempo livre é destinada à leitura de mensagens da rede social *Facebook*. Na entrevista, ele alegou que, antes de se relacionar por meio das redes sociais não tinha uma boa compreensão dos textos que lia. Afirmou ainda que acredita que a rede social pode ajudar as pessoas a desenvolver melhores práticas de leitura e escrita.

### 3.4.1.3. Análise das Publicações do Marcos

Figura 1. Publicação de 24 de fevereiro de 2015



A análise dos relatórios de aprendizagem e o relatório médico de Marcos comprova-nos que o nível de compreensão de leitura aferido à época era correspondente ao de uma pessoa semialfabetizada, nas palavras do geneticista. Contudo, ao observar a figura 1, podemos perceber que o indivíduo compreende as sutilezas empregadas na charge para depreender sentido do texto. O que comprova o entendimento do texto é sua publicação, já que o indivíduo afirmou em entrevista que só compartilha o que consegue compreender .

Como afirma Freire (1989),

O processo de aprendizagem na alfabetização de adultos está envolvido com a prática de ler e de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm, o de conhecer o que ainda não conheceu, para melhor interpretar o que conhece na realidade (FREIRE, 1989, p. 48).

Nesse sentido, o que é apontado por Freire pode ser observado na figura 1, já que os elementos constitutivos do texto mencionado fazem alusão à realidade vivida pelo trabalhador e a identificação desse contexto propicia melhor interpretação dos recursos utilizados no texto. Percebe-se que o texto imagético contribui para a compreensão do estudante com deficiência intelectual.

Figura 2. Publicação de 24 de fevereiro de 2014



A figura 2 é um exemplo de que Marcos capta os vários sentidos da linguagem e interage com o texto. A premissa de Freire (1989) de que a leitura da palavra precede a leitura do mundo pode ser essencial para o entendimento das postagens de Marcos.

Ao chegar em casa, após um dia cansativo de trabalho, o *post (publicação de texto com imagem no ambiente virtual)* com o qual ele mais se identificou é o que revela a sua leitura de mundo naquele dia.

Figura 3. Publicação de 19 de janeiro de 2015



Marcos relatou que a postagem da figura 3 foi feita para alertar os colegas que os ônibus não estavam disponíveis e, desse modo, ele não conseguiria ir ao trabalho. A linguagem não verbal vinculada ao texto auxilia a compreensão do contexto social.

Nesse sentido, os aparatos visuais presentes nos textos multimodais podem propiciar maior entendimento para as pessoas com deficiência intelectual. Quando perguntado, em entrevista, se acreditava em todas as notícias vinculadas no *Facebook*, Marcos respondeu que só acredita nas notícias dos grandes jornais, que não acredita em tudo porque há muita mentira no ambiente virtual.

Considerar que Marcos faz uma leitura crítica dos textos vinculados é entender que o ambiente do *Facebook* pode favorecer os multiletramentos. Certamente, temos considerado muito mais os textos desenvolvidos no ambiente acadêmico. Entretanto, é preciso considerar que a situação de comunicação estabelecida no *Facebook* favorece o interesse e privilegia o aprendizado dos estudantes com deficiência intelectual, que veem nele uma oportunidade de interação social. Isso vai ao encontro do que diz Garcez:

Com as reflexões teóricas, desenvolvidas principalmente por Bakhtin, compreendeu-se que a língua é uma forma de ação social e histórica, e que todas as práticas sociais comunicativas se realizam por meio

de formas verbais relativamente estáveis: os gêneros. (GARCEZ, 2015, p.1).

A necessidade de interação e a leitura do mundo onde está inserido são essenciais para a compreensão dos textos postados no ambiente virtual. Considerar que alguém tido como semiletrado, ou até mesmo analfabeto, consegue utilizar uma reportagem de jornal, de linguagem naturalmente formal, é também compreender que o acesso ao ambiente virtual, Facebook, pode ser uma tecnologia para os multiletramentos. Oliveira (2013), baseado nos preceitos de Dionísio (2006, p. 160) que chama a atenção para o fato de que nossa sociedade está cada vez “mais visual”, mostrando que os textos multimodais “são textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”.

Em virtude disso, o conceito de multimodalidade torna-se imprescindível para analisar a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, além de possibilitar a compreensão dos sentidos sociais construídos por esses textos, bem como a sua importância nas práticas de letramento (OLIVEIRA, 2013, p. 2).

A análise do Corpus referente ao participante Marcos revela que, ao contrário do que afirmou o médico geneticista, o participante não pode ser considerado semialfabetizado. Há evidências suficientes para interpretar que Marcos possui capacidade crítica que pode ser entendida como um maior nível de letramento.

As dificuldades para organização das ideias e para apreender sentido de dos textos parecem ter sido superadas por Marcos. Prova disso é a postagem da reportagem análise da figura 3. Desse modo, ao analisar os relatórios psicopedagógicos do estudante, pode-se perceber melhora da proficiência de leitura após a evasão escolar.

### **3.4.2. Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos de Felipe**

Com vinte e cinco anos de idade, Felipe, gêmeo de Marcos, também foi diagnosticado com microcefalia e retardo mental. Conforme relatório médico:

O menor (indivíduo X), 12 anos de idade é o quarto de cinco filhos de casal não consangüíneo. Foi encaminhado ao ambulatório de genética por apresentar microcefalia e retardo mental. Os dois irmãos do sexo masculino também apresentam microcefalia, sendo que um deles é seu irmão idêntico. O diagnóstico estabelecido foi de microcefalia (CID Q02) e retardo mental moderado (CID F71 e G40). (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Os relatórios psicopedagógicos indicavam, à época dos seus estudos (1996), que o Felipe apresentava linguagem verbal comprometida e que sabia organizar as letras do seu prenome. Em 2003, conforme relatório desenvolvimento individual do aluno, Felipe tinha dificuldades em realizar as atividades propostas pela instituição:

Demonstra-se inquieto, e faz provocações os seus colegas apenas para chamar atenção, às vezes é resistente demonstrando rebeldia e não faz as atividades propostas. Relatório psicopedagógico, 2003, Felipe).

Felipe afirma, em entrevista, que, após a sua inclusão em uma turma de Ensino Regular, os estudantes da escola o ridicularizavam e que, ainda, não compreendia as atividades propostas pela professora, as atividades não faziam sentido.

### **3.4.2.2 Análise da Entrevista de Felipe**

Em entrevista, questionado se as pessoas, em geral, entendiam o que ele falava, respondeu "sim" e completou que o mesmo ocorre com a escrita no ambiente virtual.

Durante os anos que passou na escola de ensino especial, Felipe cursou a série referente à quinta série do Ensino Fundamental. Perguntado sobre seus anos de estudante, ele respondeu que era levado à direção com frequência por apresentar comportamento inadequado. Ao ser questionado sobre o seu comportamento, respondeu que era muito discriminado no ambiente escolar e respondia aos colegas com agressividade. Ainda sobre o assunto, afirmou que os professores o encaminhavam quase todos os dias à direção e que, por este motivo não continuou seus estudos.

As leituras propostas pelos professores não atingiam o objetivo, uma vez que Felipe disse que mesmo se lesse um texto dez vezes não conseguia entendê-lo. Tudo isso, influenciava o comportamento do estudante que, desinteressado, não se sentia confortável no ambiente escolar.

Quanto às praticas atuais de leitura, Felipe afirmou ler, com maior frequência, mensagens de redes sociais. Afirmou ter lido um livro, "Nada a perder", de Edir Macedo, demonstrou interesse por leituras sobre assuntos religiosos. O acesso à rede social mencionada é diário e mais de uma vez por dia. Apesar das leituras proporcionadas pelo ambiente virtual, ao ser questionado se gostava de ler, Felipe respondeu que "não muito" . A partir da resposta dada sobre seu gosto pela leitura, é possível interpretar que a compreensão de texto que Felipe tem não engloba textos não impressos, geralmente vinculados no ambiente do *Facebook*.

Quando perguntado se conversava com os amigos por mensagens de bate-papo, respondeu que utiliza o recurso às vezes. Além disso, informou que já adicionou pessoas desconhecidas ao seu ciclo de amigos virtuais, mesmo assim ressalta que prefere conversar pessoalmente.

Ao ser questionado sobre as notícias vinculadas às redes sociais, Felipe demonstrou entendimento do conteúdo apresentado nas manchetes virtuais e, mais do que isso, reconhece a fragilidade da confiabilidade das postagens associadas ao *Facebook*. Sobre o assunto afirmou que considera mais confiável a notícia de jornais impressos ou televisionados em detrimento das notícias postadas no ambiente do *Facebook*.

Atualmente, Felipe utiliza muito os recursos tecnológicos e aplicativos de redes sociais. Grande parte do seu tempo livre é destinada à leitura de mensagens da rede social *Facebook*. Na entrevista, ele alegou que antes de se relacionar por meio das redes sociais não tinha uma boa compreensão dos textos que lia. Afirmou ainda que acredita que a rede social pode ajudar as pessoas a desenvolver melhores práticas de leitura e escrita.

### **3.4.2.3 Análise das postagens de Felipe**

As publicações do indivíduo são escolhidas de acordo com o entendimento dele sobre o assunto. O indivíduo afirmou que só posta conteúdo que é compreendido por ele. Além disso, mencionou que só compartilha mensagens que sejam interessantes, do ponto de vista dele. Desse modo, ao analisar as postagens de Felipe, é possível perceber a interpretação que foi feita do texto.

Figura 1. Publicação de 30 de dezembro de 2012



A publicação da figura 1 demonstra posicionamento do leitor frente ao conteúdo, a leitura de mundo do estudante influencia as suas escolhas. O ato de postar determinado conteúdo pode ser entendido como uma apropriação das ideias do *post* para expressar o que sente. O discurso de Felipe, foi tido pelos psiquiatras, que acompanharam seu desenvolvimento, como um discurso pobre. A pobreza do discurso e a dificuldade na escolha das palavras podem ser percebidas na entrevista. Entretanto, quando o indivíduo se apropria do discurso do outro, ele consegue expressar a sua opinião de maneira mais eficaz, conforme Lemos (2008, p.03), "o sujeito, por sua vez, deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído."

A apropriação do discurso do outro para expressão da opinião do indivíduo é um ato comum nas redes sociais. Especialmente, os deficientes intelectuais, podem

se apropriar do discurso de uma postagem, por exemplo, para compensar a dificuldade de escrita que eles têm. Isso revela o participante possui certo nível de letramento.

Figura 2. Publicação de 06 de julho de 2015



A leitura da charge só pode ser feita a partir da leitura do contexto que o país vivia à época da postagem. Há muito a ser lido nas entrelinhas do diálogo dos personagens, a leitura não é apenas explícita e o implícito é que concede o tom cômico do texto. A composição verbal e não-verbal do texto, a multimodalidade presente nele, pode facilitar o entendimento pelo leitor.

Conforme Ferraz, sobre a semiótica social, a linguagem tende a se adequar às linhas propostas por Kress & van Leeuwen (1996) :

(...) a comunicação exige que os participantes elaborem suas mensagens maximamente compreensíveis num contexto particular. Para isso eles procuram formas de expressão que acreditam ser maximamente transparentes para os outros participantes (FERRAZ, 2008, p. 2).

Para o entendimento completo do texto é preciso fazer uma leitura política do momento da postagem. No período em que o país estava sediando a Copa do Mundo, havia também muitas manifestações contra o governo da Presidente Dilma. Além disso, a seleção brasileira também não correspondeu às expectativas da

população, logo as críticas ao treinador Dunga foram evidenciadas na mídia. A compreensão do contexto e do jogo da força conferem o entendimento do texto de maneira global, por Felipe.

Mais uma vez, é preciso ressaltar que na sua entrevista, Felipe afirmou postar apenas textos que entendia e achava interessantes. Nessa perspectiva, pode-se notar que a proficiência de leitura do indivíduo evoluiu, desde a evasão escolar. O que explicaria tal fato? Em entrevista com sua mãe, ela afirmou que a proficiência de leitura de Felipe aumentou, desde o acesso às redes sociais, em especial, o Facebook. Conforme Lemos,

Os processos de comunicação delineados pelas transformações culturais podem moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos e propiciar o surgimento de novos canais e ambientes socioculturais, em especial, na hipermídia. Desse modo, as manifestações da cibercultura são um universo infindável de conteúdos. E diversos são os aparatos que procuram dar alguma organicidade ao imenso conteúdo da rede - textos, imagens e sons se conectam em rede de maneira múltipla (LEMOS, 2008, p.1).

A multiplicidade de conteúdos vinculados ao ambiente do *Facebook* pode favorecer o desenvolvimento da proficiência de leitura. Para Lemos, as transformações culturais resultam na transformação das relações sociais e da linguagem. Logo, podemos entender que a real situação de comunicação proporcionada pelo ambiente virtual pode influenciar no interesse dos indivíduos pela leitura dos textos ali compartilhados.

Figura 3. Publicação de 22 de janeiro de 2013



Ferraz, ao falar sobre a semiótica social, afirma que a linguagem tende a se adequar às linhas propostas por Kress & van Leeuwen (1996), ainda nessa perspectiva, os autores afirmam que:

(...) o interesse dos criadores dos signos, no momento da criação, guia-se para procurar um aspecto ou o conjunto de aspectos do objeto a ser representado como sendo característico, naquele momento, para representar o que eles querem representar, e daí procurar a mais plausível, a mais apta forma para sua representação (FERRAZ, 2008, p. 2).

A escolha da imagem de fundo para o texto verbal da figura 3, não foi aleatória, certamente, a escolha da imagem de uma pessoa escalando faz transparecer a ideia de superação, ou mesmo um desejo de Felipe. Tudo isso, vai ao encontro dos postulados de Kress & van Leeuwen. A presença do texto não-verbal fornece dicas importantes para a compreensão do texto verbal. Nesse sentido, os textos multimodais vistos no ambiente virtual do Facebook podem contribuir para os multiletramentos dos deficientes intelectuais.

#### **3.4.3.1 Análise dos relatórios médicos e psicopedagógicos de Daniel**

Com vinte e seis anos de idade, o participante Daniel foi considerado pelos médicos, segundo relatório psiquiátrico, como deficiente intelectual com comprometimento da habilidades sociais, da utilização dos recursos de comunicabilidade, das habilidades acadêmicas etc. Observa-se no trecho a seguir

Paciente tem microcefalia e retardo mental leve, CID F71. Funcionamento intelectual inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos de limitações associadas a duas ou mais habilidades adaptativas, tais como: habilidades sociais, utilização dos recursos de comunicabilidade, saúde e segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Em entrevista, a mãe afirma o estudante, quando matriculado na rede regular de ensino, foi inserido em uma turma de Ensino Regular de estudantes que o ridicularizavam e, em virtude disso, havia muitos desentendimentos. Constantemente, a mãe de Daniel era chamada pela direção da escola para que

fossem relatados os casos de agressividade físicas e verbais. O relatório médico já aponta limitações nas habilidades sociais e o quadro estabelecido em sala de aula não ajudou na superação dessa limitação.

Diferentemente de Marcos e Felipe, Daniel não apresenta dificuldade de expressão oral e, conforme relatórios escolares. Além disso é capaz de realizar leitura implícita, conforme relatório médico (2012):

De acordo com o que foi trabalhado neste período, ele identifica em textos: personagens, autor, título e entende o que está nas entrelinhas (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Os relatórios psicopedagógicos indicavam, à época dos seus estudos (2000), que Daniel, apesar das dificuldades na execução das tarefas, lia e interpretava textos:

Lendo e interpretando com dificuldade diferentes tipos de textos (literatura, propaganda, avisos, bilhetes), expressando-se com dificuldade na linguagem oral, produzindo textos e mensagens orais e escrita simples [...] (Relatório Médico, 2012, Daniel).

Diferentemente dos outros participantes, Daniel conseguia, ainda que com dificuldade, interpretar. Mesmo assim, a expressão oral era feita com muita dificuldade.

### **3.4.3. 2 Análise da entrevista de Daniel**

Em entrevista, questionado se as pessoas, em geral, entendiam o que ele falava, respondeu "sim" e completou que o mesmo ocorre com a escrita no ambiente virtual.

Durante os anos que passou na escola de ensino especial, Daniel cursou a série referente à primeira série do Ensino Fundamental. Perguntado sobre seus anos de estudante nessa escola, ele respondeu:

"Eu achei que eles soubem (SIC) ter algum tipo de contato que conseguiu me deixar seguro de que eu poderia conseguir alguma coisa, por exemplo, ler, escrever, ter habilidades nos braços, na boca, saber conversar, saber fazer texto, tudo isso" (Entrevista, Daniel 2015)

Quando foi questionado sobre o período que cursou o ensino regular, o Daniel afirma que teve problemas " muitas pessoas me chamavam de preguiçoso", disse. Ainda sobre o assunto, afirmou estava na escola, mas que não sabia a razão de estar ali. Disse que até ser transferido para o ensino regular, não havia sentido dificuldades em lidar com as pessoas. Sobre a sua deficiência, afirmou ser inocente quanto a sua limitação e que o tratamento dos estudantes foi hostil, debochado, sobre isso Daniel disse em entrevista

Eles achavam que eles ali eram eles, que eles eram mais inteligentes, mais bonitos... sempre eles, sempre muito deboche, que eu era muito burro. Burro eu não era não , mas fazer o quê né? Nasci com algum problema, fui saber depois. (Entrevista, Daniel 2015).

O fato intrigante do trecho da fala de Daniel, acima, é que ele afirma não ter conhecimento da sua deficiência até o momento em que foi inserido no ensino regular, perguntado sobre como foi a descoberta ele afirmou que descobriu assim que saiu do Centro de Ensino Especial, porque lá cada indivíduo tinha a sua limitação.

Sobre as práticas de leitura escolares, Daniel expôs que achava as atividades da escola regular "estranhas", que não se lembra, exatamente, quando aprendeu a ler. Afirma ter sido por volta da segunda série e declara

Tudo para mim era estranho, para mim, eu aprendi a ler na segunda série, mas não sabia o que eu estava fazendo. Eu não sabia para quê que aquilo seria de uso, para mim não tinha sentido. (Entrevista, Daniel, 2015)

Não é possível ler o trecho acima da fala de Daniel e não se lembrar de Freire (1989), o sentido que faltava a Daniel era a leitura de mundo que deveria preceder a leitura da palavra:

A leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras significativas e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador (FREIRE, 1989, p. 18).

Quanto às práticas de leitura atuais, o indivíduo afirmou gostar de ler, com maior frequência, mensagens de redes sociais. Disse ter lido um livro, "A última pedra". Ainda, demonstrou interesse por leituras sobre esportes nutrição e notícias

de jornais. Sobre o ambiente da rede social **Facebook**, Daniel expôs que não costumava ler textos antes de acessar o ambiente virtual. O acesso à rede social mencionada diminuiu, segundo Daniel, ao perceber que muitas notícias vinculadas são mentirosas. Hoje em dia, o acesso é menor do que antes, de duas a três vezes por semana.

Ao ser questionado sobre as notícias vinculadas às redes sociais, Daniel demonstrou reconhecer a fragilidade da confiabilidade das postagens associadas ao *Facebook*, disse ainda considera mais confiável a notícia de jornais impressos ou televisionados.

Sobre a comunicação estabelecida com amigos no ambiente virtual, Daniel mostrou que se sente mais confortável ao conversar com os amigos pelo bate-papo do que pessoalmente. Disse ter mais facilidade ao conversar por mensagem escrita do que "frente a frente", nas palavras dele. Em relatório médico, descrito anteriormente, o psiquiatra afirma que Daniel tem limitações no que diz respeito à interação social e à comunicação. Nesse sentido, é interessante o depoimento dele sobre a preferência de contato por mensagem de bate-papo.

Atualmente, desempregado, Daniel utiliza os recursos tecnológicos e aplicativos de redes sociais. Grande parte do seu tempo livre é destinada à prática de exercícios físicos e à leitura de sites de nutrição, sites de medicamentos e também das publicações da rede social *Facebook*. Na entrevista, ele alegou que antes de se relacionar por meio das redes sociais não tinha uma boa compreensão dos textos que lia. Afirmou ainda que acredita que a rede social pode ajudar as pessoas a desenvolver melhores práticas de leitura e escrita.

### **3.4.3 .3 Análise das Publicações de Daniel**

As postagens de Daniel têm cunho, majoritariamente, metafórico. Isso demonstra o que os relatórios de aprendizagem já anteciparam, que ele depreende sentido implícito, como exemplo disso, temos o texto a seguir.

Figura 1. Publicação de 19 de junho de 2015

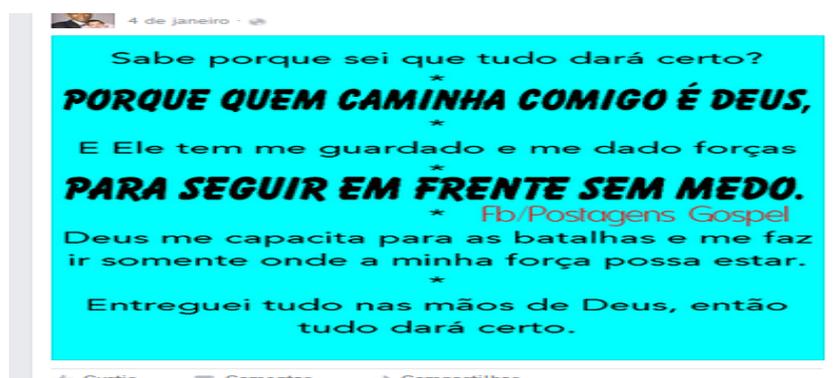


A constituição do texto multimodal, linguagem verbal e não verbal, integram a produção de sentido dele. A presença de elementos visuais, na maioria dos textos vinculados no *Facebook*, pode recuperar a leitura de mundo do indivíduo e acionar conhecimentos necessários para a compreensão do texto em sua totalidade. Nesse sentido é possível retomar o que diz Batista:

A disposição multimodal envolve letramento visual que por sua vez, envolve atividades, funções e atitudes que compreendem o olhar sobre o texto, constituído de elementos verbais e não verbais. A análise de imagens requer habilidades para perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar. Essas habilidades de leitura parecem, a princípio, naturais e simples, porém, como a visão é um dos sentidos diretamente responsável pela informação, elas indicam a complexidade da inteligência visual (BATISTA, 2014,p.07).

Desse modo, de acordo com o que diz Batista (2014), a imagem projetada no retrovisor não é tão atraente quanto a imagem do para-brisas, essa composição de sentido estabelecida pela linguagem não verbal, requer um nível maior de proficiência de leitura para compreensão dos textos multimodais.

Figura 2. Publicação de 04 de janeiro de 2014



A presença de multimodalidade nos textos nem sempre é marcada por uma imagem, por vezes, como acontece com a figura 2, a alteração na fonte e negrito podem marcar pontos mais importantes na leitura. Conforme afirma Nascimento *et al.* (2011):

(...) não existem textos monomodais ou monosemióticos, já que, mesmo em textos predominantemente verbais, utilizamos recursos visuais, tais como tipografia e formatação. Por exemplo, a distribuição do texto em colunas, bem como o uso de linhas e marcas gráficas são utilizados para evidenciar a distribuição da informação em blocos temáticos e orientar a leitura. Já recursos tipográficos, como fonte, negrito ou uso de cor, servem para salientar determinados elementos ou criar efeitos de sentido particulares[...] (NASCIMENTO *et al.*, 2011, p. 530)

A percepção dos elementos visivelmente mais destacados pode chamar a atenção do leitor e convidá-lo a ler o texto por completo. Esse incentivo pode ampliar as práticas de leitura dos deficientes intelectuais, já que há direcionamento da leitura.

Figura 3. Publicação de 14 de abril de 2015



A composição do texto em questão é um exemplo de utilização de imagens e alteração de fonte para a composição do sentido desejado. A multimodalidade constituída pelo uso da formiga, pequena criatura, carregando uma melancia alude a realização de algo impossível. A partir da recuperação da imagem, o texto verbal

estabelece a palavra nunca, como se retomasse a ideia de que um dia já disse que há algo impossível de ser realizado. Em outras palavras, há muito para ser lido na figura 2 e a publicação do texto por Daniel revela identificação do indivíduo com o discurso estabelecido pelo texto. De acordo com o que estabelece Nascimento *et al.* (2011):

Tanto a linguagem verbal como a visual permitem construir representações de mundo (função de representação), atribuir papéis aos participantes representados – pessoas, objetos, instituições – e estabelecer diferentes relações entre os participantes no texto, bem como entre esses e o leitor (função de interação), e ainda organizar esses sentidos na forma de um todo que entendemos por texto (função de composição) (NASCIMENTO *et al.*, 2011, p. 533).

As publicações de Daniel transparecem a proficiência de leitura desse indivíduo. O que ele revela em entrevista sobre a fragilidade dos conteúdos vinculados nas redes sociais, ancorado na análise das publicações, revela que o indivíduo realmente ler, não apenas decodifica palavras. O que seria esperado pelo que foi descrito pelos médicos. O contínuo exercício de leitura, aliado às conversas de bate-papo no ambiente Facebook podem contribuir para a superação da limitação de interação social e comunicabilidade do indivíduo.

### 3.5 RESULTADOS

A multimodalidade dos textos em ambiente virtual é um atrativo para a curiosidade e interesse dos estudantes. A partir das ações desenvolvidas no ambiente virtual pelos participantes, comprovou-se que a proficiência de leitura verificada é diferente da que consta nos relatórios de aprendizagem escolar. Comprovou-se que os indivíduos conseguem estabelecer comunicação coerente e que, portanto, o presente estudo revelou proficiência em leitura e escrita dos participantes, o que contradiz os relatórios médicos e psicopedagógicos.

A capacidade de usar o *Facebook* para participar de interações sociais que envolvam temas relevantes sobre os fatos que ocorrem na sociedade demonstra que o letramento não é aferido apenas a partir da leitura de livros didáticos, mas, sim, conforme Magda Soares:

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som  
enunciado,  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade, nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.  
Letramento é diversão.  
é leitura à luz de vela  
ou lá fora, à luz do sol.  
São notícias sobre o presidente,  
o tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha  
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados  
colados na geladeira,  
um bilhete de amor,  
telegramas de parabéns e cartas de  
velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes  
amigos.

É um Atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bula de remédios,

para que você não fique perdido.  
Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é,  
e de tudo que você pode ser.

(SOARES, 2002, p. 41 )

Com base no referencial teórico, ancorado nos conceitos de deficiência intelectual sob o viés sociológico, na teoria de multimodalidade de Kress e Van Leeuwen, e na perspectiva do multiletramento, chegou-se à análise da importância do ambiente estabelecido na rede social Facebook para o letramento dos deficientes intelectuais.

Comprovou-se que a rede social Facebook e a interação por ela proporcionada, são incentivos e desenvolvem nos pesquisados a necessidade de letramento para que obtenham a interação necessária com os demais indivíduos.

Como analisado no caso de Daniel, o ambiente pode proporcionar uma superação das limitações, não só de leitura e interpretação textual, mas de interação social.

Como afirma a mãe dos indivíduos, o constante contato com a tecnologia proporcionou melhoras cognitivas perceptíveis na interação familiar e na execução de tarefas no mundo do trabalho.

A seleção dos conteúdos de interesse proporciona aos indivíduos contato com textos de gêneros diferentes. Como prova disso, temos a postagem de matéria de jornal, texto predominantemente formal, por Marcos, indivíduo considerado como semiletrado pelos médicos e professores que o acompanharam.

A multimodalidade presente nos textos vinculados no ambiente virtual do *Facebook* chamou a atenção dos indivíduos pesquisados proporcionou a contextualização necessária para o entendimento dos diversos textos compartilhados.

#### IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações culturais da sociedade implicam diretamente na maneira como os indivíduos interagem e na escolha dos registros de linguagem. Percebeu-se com este estudo de caso que as práticas escolares ainda estão muito distantes da realidade social, especialmente no que diz respeito às práticas inclusivas.

Ainda sobre a inclusão dos participantes desta pesquisa, notou-se uma falha quanto à abordagem dos conteúdos por parte da escola. A inclusão não contribuiu para o desenvolvimento do letramento escolar de Felipe, Daniel e Marcos, já que o ambiente da sala de aula era conflituoso e as atividades, em sua maioria, não eram carregadas de significado.

Os participantes da pesquisa demonstraram mais proficiência de leitura do que havia sido aferida nos relatórios psicopedagógicos e maior habilidade de comunicação do que previram as expectativas médicas. Isso, sem dúvida, se deve ao constante acesso ao ambiente do *Facebook* e à real situação de comunicação ali estabelecida.

Desse modo, a real situação de comunicação, proporcionada pelo ambiente do *Facebook*, pode ser considerada favorável aos multiletramentos, já que o conteúdo virtual é composto por diversos gêneros textuais e, além disso, os indivíduos podem selecionar os assuntos de maior interesse, assim como é feito em outras situações de comunicação.

Os gêneros textuais trabalhados no ambiente escolar foram definidos pelos participantes como "estranho", "difícil", "sem sentido". Adequar determinado conteúdo ao estudante, significa carregar esse ensinamento de significado. Não é razoável estabelecer um ensino a partir de cópia e fixação de conteúdos desvinculados da realidade social dos estudantes.

Percebe-se que aproveitar as redes sociais virtuais para desenvolver a proficiência de leitura nos estudantes com deficiência intelectual pode ser uma adequação plausível, já que a análise das publicações dos participantes demonstra uma evolução deles desde a evasão escolar.

A evolução foi evidenciada pelo fato dos participantes da pesquisa serem capazes de estabelecer comunicação com os colegas do ambiente virtual, por meio de mensagens de texto multimodais, embora tenham sido avaliados pelos médicos e educadores como semi alfabetizados, com nível baixo de proficiência de leitura, e poucas perspectivas de comunicação,

Essa proficiência de leitura ocorreu pela interação social, por meio do ambiente virtual proporcionado pelo *Facebook*. Desse modo, um mundo conectado pelas redes sociais favorece os multiletramentos.

A respeito das particularidades do ambiente do *Facebook*, além da interação social, a multimodalidade presente nos textos vinculados, em especial a exploração dos elementos imagéticos, contribui para o maior entendimento dos textos. Isso pode explicar a facilidade de compreensão dos indivíduos pesquisados.

Conclui-se, então que, nas práticas de sala de aula, o uso de textos multimodais deveria ser mais frequente e, nas turmas inclusivas, uma obrigatoriedade, oferecendo assim, a oportunidade de acesso aos multiletramentos por todos. Além disso, Vivemos em uma era digital e muito visual, continuar privilegiando apenas os textos verbais em sala de aula é um erro, já que o ambiente escolar deve propiciar os multiletramentos.

## V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre. Mediação, 2005.

BRIDI, Fabiane Romano de Souza. **Implicações acerca dos processos diagnósticos e de identificação dos alunos da educação especial no contexto escolar**. Anais da VIII ANPED SUL \_ "Formação, ética e políticas: qual a pesquisa? Qual a educação?", 2010.

BATISTA, Eni Abadia. **Identidades de docentes brasileiros e suas representações discursivas em charges**. 2014. 208 p. Tese (Doutorado em Lingüística) \_ Universidade de Brasília, Brasília.

FERRAZ, Janaína de Aquino . **Gêneros multimodais: novos caminhos discursivos**. In: VIII Encontro Nacional de Linguagem Verbal e Não Verbal, 2008, São Paulo. Estudos do Discurso: diferentes perspectivas. São Paulo: Ideia, 2008. p. 1-14.

FERREIRA, Jacques de Lima et al. **O uso pedagógico da rede social Facebook**. 2012. 16 p. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

FREIRE, Paulo, 1921 –F934i **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire**. –São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCEZ, Lúcia do Carmo. **Gêneros e tipos de texto**. 2015. Universidade de Brasília (UnB).

G1. **Brasil é o 2º país com mais usuários que entram diariamente no Facebook**. 30 set. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>. Acesso em: 30 mar.2015

LEMOS, Lúcia. **O poder do discurso na cultura digital: o caso twitter**. Jornada internacional de estudos do discurso.2008. UMESP.

MACEDO, Wilza Karla Leão de. **Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua e linguagem**. Disponível em :

[http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire\\_anais/anais-53.pdf](http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf). Acesso em 31 maio de 2015.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M.. “**Multiletramentos: iniciação à análise de imagens**”. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2012.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Gêneros multimodais e multiletramentos: novas práticas de leitura na sala de aula**. ANAIS DO VI FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES E II CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE ISSN 2176-7033, novembro de 2013. UFS–Itabaiana/SE.

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. 1.ed. **Cartilha do censo 2010 pessoas com deficiência**. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), 2012. 32 p.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. Disponível em: <https://acessibilidadecultural.wordpress.com/2011/09/07/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao/>. Acesso em 21 mar. 2015.

SILUK, Ana Cláudia Pavão. Atendimento Educacional Especializado: contribuições para a prática pedagógica. 1.ed. Santa Maria: USFM, Centro de Educação, Laboratório de Pesquisa e documentação, 2012. p. 153 a 203.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O EU e o Outro Online, Discurso Poder e Identidade nas Redes Sociais**. 2013. 155 p. Tese (Mestrado em Lingüística) \_Universidade de Brasília, Brasília.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora , 2009. 128p.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

## **VI ANEXOS**

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA, DEFICIENTES INTELECTUAIS.

ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTA DA MÃE

## **ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA, DEFICIENTES INTELECTUAIS**

### **Roteiro de Entrevista - Estudante Egresso**

O presente roteiro é apenas um planejamento do segmento da entrevista aos participantes da pesquisa. Perguntas podem ser acrescentadas ou suprimidas para que a entrevista seja o mais natural possível.

#### **Investigação sobre o uso da rede social**

1. Quantos anos você tem?
2. Você gosta de ler?
3. Antes de acessar o Facebook, você costumava fazer algum tipo de leitura?
4. Você costuma ler o que?
5. Você já leu algum livro? Se sim, qual nome do livro?
6. Você acessa o Facebook? Em média, quantas vezes por semana?
7. De que maneira utiliza o Facebook? Qual a principal vantagem dessa rede social?
8. Você costuma conversar com seus amigos pelo bate-papo do Facebook?
9. As pessoas, em geral, entendem tudo o que você fala? E quando escreve, às vezes é preciso explicar?
10. Se você pudesse mudar algo no Facebook, o que seria?
11. Você já conheceu alguém pelo Facebook?
12. Você se sente mais á vontade ao conversar com as pessoas pessoalmente ou pela rede social? Explique.

#### **Investigação das atividades rotineiras**

1. Quais atividades você gosta de fazer?
2. Você assiste à filmes legendados? Se não, por qual motivo?
3. Você assiste ou lê jornais?
4. Você já soube de alguma notícia pelo Facebook?
5. Você confia nas notícias postadas na rede social?
6. Para você, o Facebook pode ajudar as pessoas no desenvolvimento da leitura?
7. Quantos amigos você tem adicionados ao seu perfil? Você conversa com a maioria deles?
8. O que você achou das postagens recentes de protesto ao governo?

### **Investigação da vida escolar**

1. Você se lembra do seu primeiro dia de aula?
2. Como foi a sua chegada na escola?
3. Em qual escola você estudava?
4. Do que você mais gostava na escola?
5. Você estudou por quanto tempo? Quando foi o seu último ano na escola, em qual escola você estava?
6. Quando você saiu do Centro de Ensino Especial 01 de Brazlândia e foi para outra escola, o que você sentiu com essa mudança?
7. Para qual escola você foi? Como os alunos dessa escola receberam você?
8. Você costumava fazer amizades na escola?
9. Você se lembra das atividades que fazia na escola? Descreva-as.

10. Quando você estudava, conseguia entender os textos que os professores passavam?
11. Você se lembra de quando aprendeu a ler?
12. Para você, o que a escola tem de mais desagradável?
13. Qual o motivo pelo qual você abandonou os estudos?

## **ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTA - MÃE**

MARCOS -

1. Com qual idade Marcos começou a estudar no Centro de Ensino Especial?
- 2.
3. Como era o comportamento e a aprendizagem dele no Centro de Ensino Especial?
4. Qual avaliação a senhora faz da instituição?
5. Com quantos anos Marcos foi matriculado em uma escola inclusiva?
6. Como a senhora avalia a receptividade da comunidade da escola inclusiva?
7. Quais foram os ganhos da educação inclusiva?

FELIPE-

8. Com qual idade Felipe começou a estudar no Centro de Ensino Especial?
- 9.
10. Como era o comportamento e a aprendizagem dele no Centro de Ensino Especial?
11. Qual avaliação a senhora faz da instituição?
12. Com quantos anos Felipe foi matriculado em uma escola inclusiva?
13. Como a senhora avalia a receptividade da comunidade da escola inclusiva?
14. Quais foram os ganhos da educação inclusiva?

DANIEL-

15. Com qual idade Daniel começou a estudar no Centro de Ensino Especial?
- 16.
17. Como era o comportamento e a aprendizagem dele no Centro de Ensino Especial?
18. Qual avaliação a senhora faz da instituição?
19. Com quantos anos Daniel foi matriculado em uma escola inclusiva?
20. Como a senhora avalia a receptividade da comunidade da escola inclusiva?
21. Quais foram os ganhos da educação inclusiva?

